A PRODUÇÃO LEXICAL NOS DOMÍNIOS DA ESPECIALIDADE DOS PLANTADORES DE MANDIOCA DO MARANHÃO

Luís Henrique SERRA

1 INTRODUÇÃO

O léxico guarda informações importantes para o desenvolvimento do homem, uma vez que é no léxico que ele armazena todo o seu conhecimento do mundo. Tudo no espaço, para que possa fazer parte do universo intelectual humano, precisa antes ser registrado no léxico; em outras palavras, precisa ser nomeado para que exista. Fora do léxico, para o homem, nada existe, pois todo o mundo conceitual humano está organizado no léxico (BIDERMAN, 2002). Se quisermos conhecer uma realidade sócio-cultural ou sua forma de organização, o estudo do léxico será uma importante ferramenta.

Segundo Sapir,

> Que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua, destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo (SAPIR, 1961, p 51).

Da mesma forma, nas línguas de especialidade (ou no léxico especializado) – que, segundo Barros (2004), consiste no conjunto de elementos linguísticos intrínsecos à determinada área especializada –, o estudo dos termos e de sua natureza nos revela importantes informações sobre as atividades humanas e sobre quem as exerce. Apoiada nessas ideias, a Socioterminologia consagrou-se como uma ciência investigativa dos termos, tendo adotado um ponto de vista descritivo. Nesse campo do conhecimento humano, contrariando a teoria clássica[1], o termo é uma unidade lexical

1. Na teoria clássica do termo (TCT), o termo é um elemento independente e não é um elemento lexical, razão por que, não produz ambiguidade como as outras unidades. Para o seu criador, Eugen Wüster, o termo estaria livre da polissemia, sinonímia ou homonímia (BARROS, 2004).

como qualquer outra unidade e está sujeita às mesmas variações linguísticas (diacrônica, diatópica e diageracional) que sofrem as outras unidades.

Desse modo, entender os processos de formação de palavras nos domínios de uma especialidade é reforçar as ideias defendidas pela Socioterminologia. Acresce-se a isso o fato de que, entender uma língua de especialidade nos ajuda a compreender uma determinada realidade, como nos demonstram os muitos trabalhos que se inscrevem nessa área[2].

Tendo como pano de fundo este breve preâmbulo, este trabalho tem o objetivo investigar os processos de formação de termos encontrados na linguagem de especialidade dos plantadores de mandioca no Maranhão, por entender que essa língua de especialidade traz informações importantes para a compreensão da realidade linguística e cultura maranhense, dada a importância sócio-cultural da mandioca para o Estado. Para o exame das estruturas dos termos, tomamos como fundamentação os trabalhos de Silva e Koch (2007), e de Alves (2007).

2 OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS

Todas as línguas, para que se mantenham úteis aos seus falantes, necessitam estar em permanente estado de modificação e adequação, visto que são inúmeros os contextos e situações em que elas são utilizadas por seus falantes. No Português, uma língua predominantemente aglutinante segundo a classificação proposta por Schleicher (apud PETTER, 2008), essa renovação se dá por meio de inúmeros processos, dentre os quais os mais regulares são os processos de derivação (sufixal e prefixal) e composição (por aglutinação e por justaposição).

Segundo Alves (2007), a neologia – processo de criação lexical – pode ser classificada em fonológica, sintática e semântica. Dentro dessa classificação, a autora abrange diferentes neologias, como, por exemplo: a neologia fonológica (a criação onomatopaica), a neologia sintática (derivação prefixal, sufixal, composição por aglutinação e por justaposição, composição por siglas ou acronimia), e a neologia semântica (mudanças semânticas de uma unidade lexical em contextos e discursos

[2]Cf. Silva & Koch (2007), e Alves (2007).

diferentes. Um exemplo de neologismo semântico é a diferente concepção do termo "batata", no contexto especializado dos plantadores de mandioca do Maranhão).

A autora considera também como um frutífero meio de produção de palavras, os empréstimos, os estrangeirismos, as traduções equivalentes de estrangeirismos e as adaptações morfofonéticas de um elemento estrangeiro (xampu, abajur).

Alves (2007) chama ainda a atenção para outros processos que não cabem na classificação por ela proposta e que consiste em produções lexicais caracterizadas pela junção e/ou eliminação de elementos. Dentre esses processos destacam-se: a truncação – eliminação da parte final de uma palavra, como em *euro,* de europeu; a palavra-valise ou cruzamento vocabular – junção de duas partes de palavras diferentes, geralmente, as iniciais de uma palavra e as terminações de outras, como em brasiguaio, iniciais da palavra brasileiro e terminação da palavra uruguaio; a reduplicação – repetição de um elemento duas ou mais vezes, como em xique-xique, e a derivação regressiva – redução de um elemento sufixal, como em amasso, de amassar.

3 METODOLOGIA

O *corpus* deste trabalho faz parte do banco de dados terminológicos da mandioca que está sendo organizado pelo *Atlas Lingüístico do Maranhão* – ALiMA, projeto do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão. No Projeto, no âmbito da vertente *Produtos Extrativistas e Agroextrativista*s – *mandioca*, estamos desenvolvendo um trabalho de iniciação cientifica, financiado pelo CNPq, sob a orientação do professor Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra. O trabalho consiste na produção de um glossário terminológico da mandioca no Maranhão.

Para compor nosso banco de dados, selecionamos plantadores de mandioca de sete diferentes municípios maranhenses – Palmeirândia, Tuntum, São João dos Patos, Pinheiro, São Bento, Turiaçu e Itapecuru-Mirim – com base no seguinte perfil: pessoas de ambos os sexos, que trabalham na atividade há pelo menos cinco anos e é nativo de uma das localidades pesquisadas.

Os dados foram recolhidos por meio de um questionário semântico-lexical composto por cinquenta questões divididas em cinco campos semânticos: plantação, colheita, instrumento, beneficiamento e comercialização. As aplicações do questionário foram registradas por meio de um gravador digital SONY (Sony – ICD PX720 de 1GB); depois foram gravadas em CD-ROM, etiquetadas e arquivadas no banco de dados terminológico da mandioca no Maranhão do projeto ALiMA. Todo esse material é transcrito grafematicamente.

Para este trabalho, adotamos os seguintes procedimentos:

- Levantamento e escolha dos termos;
- Análise da estrutura dos termos e sua classificação, com base nas propostas de Silva e Koch (2007) e na de Alves (2007);
- Criação de grupos de termos pelo critério morfossintático.

4 OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO DISCURSO DOS PLANTADORES DE MANDIOCA NO MARANHÃO

Para não sobrecarregar o sistema linguístico e conceitual humano, todas as línguas dispõem de mecanismos renovadores que regulam a entrada de elementos. No português, encontramos dois processos que são responsáveis por quase todos os neologismos: a derivação e a composição. Graças à junção de elementos presos (derivação) e livres (composição) e a empréstimos de outras línguas, entre outros processos, a língua consegue formar novos elementos lexicais sem sobrecarregar o sistema, dessa forma, ela torna a comunicação entre os falantes mais ágil e atual.

Quanto às línguas de especialidade, que são constituídas pelos mesmos elementos que compõem o léxico geral, os processos de renovação lexical são os mesmos. Como veremos a seguir, processos constantemente encontrados no sistema do português como, por exemplo, derivação sufixal, composição por aglutinação e por justaposição, também podem ser observados nas línguas de especialidade que têm por base esse idioma.

Vejamos, então, alguns exemplos do léxico dos plantadores de mandioca no Maranhão que confirmam essa hipótese[3]. Convém ressaltar que já catalogamos 139 termos, e que para este estudo especificamente selecionamos apenas algumas construções ilustrativas dos processos de formação de termos encontrados no universo laboral da mandioca.

I. Composição

Este é um processo amplamente encontrado no *corpus* de nossa pesquisa. Muitos dos termos utilizados pelos plantadores da mandioca em seu discurso apresentam composição por aglutinação ou justaposição, algo já previsto, uma vez que a função primeira da composição, segundo Basílio (1989), é a de categorizações particulares.

a) Composição por aglutinação

entipele [anti+pele] (a casca mais externa da mandioca)[4];
enticasca [enti+ casca] (o mesmo que entipele);
itaiavú [pai+avô] (parte do caule da mandioca que é plantado para o nascimento de outro pé).

b) Composição por justaposição

Este é o processo de maior produtividade no discurso dos plantadores de mandioca no Estado. Como são várias as formas de apresentação desse processo, separamos os termos de acordo com sua estrutura morfossintática.

---

[3] Neste trabalho, junto aos termos, conservamos o sentido deles, por entendermos que o significado dos termos nos ajuda a compreender alguns processos de formação de palavras, demonstrando a originalidade dos plantadores no momento de cunharem os seus termos e, em alguns casos, demonstram a variação terminológica nesse universo.

[4] Vale ressaltar que, no vernáculo dos plantadores de mandioca, sujeitos desta pesquisa, o prefixo *anti-* é realizado como *enti-*. Esse fenômeno talvez se deve ao fato de que há maior esforço articulatório para a produção dos sons nasais centrais baixos que os nasais anteriores médios.

- *(S+P+S)*[5]

fileira de mandioca (pés de mandioca plantados em fileira);
carreira de mandioca (o mesmo que fileira de mandioca),
rocinha de mandioca (pequena quantidade de mandioca);
farinha de puba (farinha amarela);
farinha de guerra (farinha branca);
raiz de mandioca (a raiz da mandioca com as cascas)
batata da mandioca (raiz da mandioca sem as cascas);
batata da maniva (o mesmo que batata da mandioca);
bola do caititu[6] (peça de madeira, com pequenas serras usadas para ralar a mandioca);
máscara do caititu (peça de madeira que fica sobre a bola do caititu, e que serve para proteger a pessoa que está ralando a mandioca dos resíduos decorrentes da ralação);
careta do caititu (o mesmo que máscara do caititu);
banco do caititu (parte do caititu onde o trabalhador se senta para ralar a mandioca);
casa de farinha (lugar onde se beneficia a mandioca);
cova de mandioca (buraco feito no chão onde se planta a mandioca);
forno de ferro (pedaço de metal (ferro) onde se torra a farinha);
forno de cobre (o mesmo que forno de ferro, só que de cobre);
coxo de madeira (caixa de madeira onde se coloca a farinha para esfriar);
terra de sertão (tipo de solo apropriado para o plantio da mandioca).

- *(S+ADJ)*

Farinha madeirada (farinha que apresenta uma grande quantidade de fibras);
Mandioca amarela (espécie de mandioca).

[5] Neste trabalho, usamos as seguintes abreviaturas: S – substantivo; P – preposição; ADJ – adjetivo; SN – sintagmas nominais.
[6] Instrumento, geralmente de madeira, utilizado para ralar a mandioca.

- *(SN) Complexo formado, geralmente, por S+S+P+S; S+ADJ+ADJ*

Mandioca Maria dos Anjos (espécie de mandioca);
Mandioca Moleque Mané (espécie de mandioca);
Mandioca ouro do Brasil (espécie de mandioca).

Sintagmas complexos apareceram na nomeação das espécies de mandioca em que ao núcleo *mandioca* são agregados outros elementos que podem ser S ou ADJ com ou sem preposição.

II. Derivação

a) Derivação sufixal

O processo de derivação é bem aproveitado no discurso dos plantadores de mandioca do Maranhão. Como podemos observar, no *corpus* analisado, há uma total ausência de prefixos (derivação prefixal) e uma considerável presença de sufixos.

Alguns sufixos como *-inho,- eco* são amplamente utilizados nos mais diversos sentidos pelos plantadores no Maranhão. Em *babuzinha*, que é um tipo de mandioca excessivamente venenosa, o sufixo *–inha* parece agir de forma eufêmica, tentando anular o teor semântico negativo encontrado nessa espécie de mandioca. Para Sandmamm (1989), geralmente, os sufixos diminutivos são empregados com essa função, tentando amenizar o sentido negativo de alguns termos.

Também encontramos outras funções, como descrição física e quantidade, dadas pelo diminutivo como em:

olhín (dobras do tronco da maniva);
enxadeco (uma espécie de enxada, só que pequena);
rocinha de mandioca (poucos pés de mandioca plantados em uma roça),
talinho (fibras da massa que sobram após a torragem);
covinha (outra denominação dada à casa feita no chão, onde se planta a mandioca);
redinha (pano utilizado para enxugar a massa da mandioca).

Como pressupõe Sandmamm (1996), esse sufixo é amplamente utilizado na língua portuguesa, razão por que é também muito usado na linguagem de especialidade dos plantadores de mandioca no Maranhão.

Da mesma forma, o sufixo *–ão* é amplamente encontrado nos termos desse universo laboral, sobretudo para formar elementos que nomeiam os termos da colheita e da produção da farinha, como em:

champrão (tampa da prensa);
pebão (praga roedora da raiz da mandioca);
baxão (terra úmida que onde não se pode plantar a mandioca).

Outro sufixo interessante de observar é *–ada.* Segundo Sandmamm (1989, p.51) o sufixo "expressa uma ação rápida e passageira." Nos exemplos de nosso *corpus*, verificamos isso, quando esse sufixo forma os substantivos designativos, como em:

farinhada (época de produção de farinha);
roçada (época de limpeza da roça de mandioca).

Quando os plantadores de mandioca querem formar palavras que indicam função ou ação, os sufixos *–eiro, - or* ou *–eira* são bem produtivos, como em:

cevador (instrumento em que é ralada a mandioca);
torrador (homem ou mulher que torra a mandioca);
farinheiro (o mesmo que torrador);
forrageira (máquina trituradora);
bulandeira (roda puxada pelo boi).

Quanto aos verbos, a maioria é formada pelo sufixo da primeira conjugação *–ar*, como em:

grosar (enxugar a massa na redinha),
rancar a mandioca (arrancar a mandioca da cova);

roçar (preparar a terra para o plantio);
pubar (processo de amolecimento da mandioca na água);

Esse é um fenômeno muito comum na língua portuguesa, visto que essa é a conjugação com maior número de verbos. Da mesma forma acontece na língua dos plantadores de mandioca no Maranhão, outro importante indício para a ideia da intrínseca relação léxico geral e especializado, defendida pela Socioterminologia.

b) Derivação prefixal e sufixal e derivação parassintética

Baseados em Silva e Koch (2007), consideraremos derivação prefixal e sufixal os elementos terminológicos que foram produzidos a partir do acréscimo de um prefixo e um sufixo a uma palavra lexicalizada, e derivação parassintética aquela formação lexical feita a partir do acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo. É importante fazer a distinção desses processos porque, como nos orientam as autoras, muitas vezes produções são confundidas[7].

Prefixal e sufixal

empreseiro [em+prensa+eiro) (pessoa que opera a prensa);

Parassintética

empaneirar [em+paneiro+ar) (ato de colocar a farinha em um cesto de palha conhecido por paneiro ou cofo).

[7] "A derivação parassintética distinguisse da anterior (derivação prefixal e sufixal) porque o prefixo e o sufixo são acrescentados em um só tempo ao morfema lexical, constituindo, portanto, um único morfema lexical de caráter descontínuo (...) (SILVA; KOCH, 2007, p. 40).

Como aponta Bidermam (2006, p.35), "(...) os processos de derivação e composição são continuamente solicitados para gerar neologismos que se fazem necessários. Mas a língua se serve também, não raro, de empréstimos de outras línguas". No caso dos plantadores de mandioca, são muitos os empréstimos das línguas indígenas, como nos termos:

caititu (instrumento, geralmente de madeira, utilizado para ralar a mandioca)
manipueira (líquido extraído da massa da mandioca na prensa ou no tipiti, quando a massa é posta para secar);
maniva (o pé de mandioca);
mandioca (a raiz da mandioca);
tipiti (o mesmo que manipueira);
urupemba (peneira utilizada para separar a farinha das impurezas).

Ainda, podemos ver, no *corpus* coletado, influência dos técnicos agrícolas na fala dos informantes: ora os próprios informantes declaravam que os termos por eles empregados eram termos usados pelos técnicos; ora, essa influência, mesmo não declarada, podia ser percebida. Os exemplos a seguir são ilustrativos dessa influência:

rama (a planta do pé da mandioca);
batata da maniva (a raiz da mandioca).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante observar a quase total ausência da derivação prefixal na língua de especialidade dos plantadores de mandioca do Maranhão. Vale a pena lembrar que a derivação prefixal, como afirma Alves (2004), é um processo muito produtivo na língua portuguesa, o que não se reflete em nossos dados (139 termos). Tal fenômeno merece uma atenção especial, pois nos dará importantes pistas sobre o português falado no Maranhão, bem com sobre a cultura da mandioca no Estado e, mais ainda, sobre a natureza semiótica do termo.

Por outro lado, é muito interessante observar os processos de formação de palavras de uma língua (de especialidade ou não), pois eles nos demonstram forma de pensar dos seres humanos, bem como seus comportamentos e como a realidade se organiza diante de seus olhos, na condição de falantes. Podemos ver que o micro e o pequeno agricultor de mandioca maranhense, que ainda não vivenciaram o processo de mecanização em sua lavoura, guardam, em seu vocabulário, as especificidades do português falado no Maranhão e também demonstram bastante criatividade, como podemos observar em termos como *mandioca moleque mané, mandioca engana ladrão* e *farinha de pau*, entre outros.

Mesmo não sendo este o objetivo de nossa análise, não pudemos deixar de ser registradas as inúmeras variações terminológicas nesse universo, como prevê os pressupostos basilares da Socioterminologia, mostrando mais um vez que o léxico especializado é um importante meio de estudo de uma língua e de seus usuários, visto que ele apresenta as mesmas características, lexicais e morfossintáticas de sua língua de base.

ALVES, I. M. A renovação lexical nos domínios de especialidade. **Ciência e Cultura.** vol. 58, nº 2. São Paulo, 2006 (pp. 32-34). Disponível em: http://tinyurl.com/644873k Acesso em: 24 Maio 2010.

_____. **Neologismo e criação lexical**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

BIDERMAN, M. T. C. O conhecimento, o dicionário e o dicionário. **Ciência e Cultura**. vol.58, nº 2. São Paulo, 2006 (pp. 35-37). Disponível em: http://tinyurl.com/66g3tbd. Acesso em: 24 maio 2010.

_____. **Formação e classe de palavras no português do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura.** vol. 58, no. 2, 2006 (pp. 27-31). Disponível em http://tinyurl.com/6j2xolc. Acesso em: 24 maio 2010.

LOPES, E. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2005.

PETTER, M. M. T. Morfologia. In. FIORIN, José Luiz. (org.). **Introdução à linguística**: II. Princípios de análise. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. (p. 59-79).

RAMOS, C. de M.; ROCHA, M. de F. S.; BEZERRA, J. de R. M.. **A diversidade do português falado no Maranhão**: o Atlas Lingüístico do Maranhão em foco. São Luís: EDUFMA, 2006.

SANDMAMM, A. J. **Formação de palavras no português contemporâneo**. 2ª ed. Curitiba: EDUFPR, 1996.

_____. **Morfologia lexical***:* formação de palavras, ampliação do léxico e produtividade lexical. São Paulo: Contexto, 1992.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**: ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SILVA, M. C. P. de S; KOCH, I. V.. **Linguística aplicada ao português**: morfologia. 15º ed. São Paulo: Cortez, 2007.